

A Didática na “formação e atuação honesta do profissional docente”

Clotildes Farias de Sousa^I

A obra “Didática para Licenciaturas” de Itamar Freitas destaca-se pela coerência. Quem o conhece, sabe de sua obstinação em romper limites para aprender, para ensinar e para viver de acordo com o conhecimento que domina e socializa. No livro publicado pela Editora Criação, 2014, sobre teoria e prática pedagógica, encontram-se o pesquisador e o professor Itamar Freitas, envolvendo leitores com uma discussão aparentemente simples, embora fundamentada em um dos mais complexos temas das ciências humanas: o clássico debate sobre os fins e meios educacionais.

Itamar Freitas, doutor em Educação e Pós-doutor em História, é professor do departamento de História da Universidade de Brasília (UnB), além de compor o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Em Brasília, leciona as disciplinas Fundamentos do Ensino de História e Laboratório do Ensino de História. Em virtude da graduação em História, atua enfaticamente em ensino de história, teoria da metodologia da história, história da historiografia e história do tempo presente. Dono de uma produção bibliográfica bastante significativa, “Didática para Licenciaturas” é a penúltima obra de seu repertório, anterior a “Didáticas da história - Entre filósofos e historiadores (1690-1907)”, cuja publicação data deste ano^{II}.

“Didática para Licenciaturas” é um curso sobre aprendizagem, ensino, conteúdos e avaliação, no qual o autor aplica, em dez aulas, as teses clássicas da pedagogia, quando discute teóricos e obras de grande repercussão no contexto educacional brasileiro. Oito modelos didáticos agrupam-se em torno dos princípios básicos das pedagogias formalista, behaviorista (ou comportamentalista) e cognitivista. As diferentes posições dos pensadores selecionados foram ordenadas cronológica e sequencialmente segundo as datas das primeiras publicações na língua de origem das obras clássicas comentadas, para reforçar as ideias e também para mostrar as continuidades, críticas, ressignificações de conceitos e os procedimentos defendidos por cada um deles.

Resenha recebida em 28/03/2015 e aprovado em 01/04/2015.

O livro aborda cinco séculos de estudos e experiências educacionais – tudo isso reunido em três unidades textuais, separados de acordo com os sentidos atribuídos por filósofos, psicólogos e sociólogos aos elementos clássicos da Didática. Na primeira unidade, encontram-se os filósofos João Amós Comenius, John Locke e Johann Friedrich Herbart, que se reportam às faculdades da mente entre os séculos XVII e XIX para explicar as diferentes formas de pensar, agir e sentir humanos e, conseqüentemente, os processos de aprendizagem e ensino. Na segunda unidade Burrhus Frederich Skinner e Ralph Winfred Tyler destacam-se com suas ideias sobre o controle comportamental humano, cuja repercussão na escola se fez sentir sob a forma da “instrução programada” e dos “objetivos educacionais”, respectivamente. No contexto da obra, tais ideias foram desenvolvidas entre as décadas de 1920 e 1940 a partir do paradigma das ciências naturais, segundo as quais somente os fatos objetivos, observáveis e quantificáveis poderiam ser científicos. Jerome Bruner, David Ausubel e Phillippe Perrenoud surgem na terceira e última unidade do texto, com a problemática do aprender e ensinar, em que abrangem os condicionantes dos processos que ocorrem no interior do cérebro. Nesse âmbito, o cognitivismo, com as mudanças de foco nos estudos sobre os processos internos da mente, passou a destacar as funções do pensamento, da linguagem e memória. Foram analisadas obras das décadas de 1950, 1960 e 1970, as quais apresentam conceitos como aprendizagem por descoberta, aprendizagem significativa, pedagogia das competências.

Convém aqui questionar a obra de Itamar Freitas quanto à coerência, pois a diversidade teórica parece sugerir a sua inexistência. Mas, a variedade de concepções na obra é justificada pelo autor quando ele explica os limites das teorias porque são sempre fundadas em criatividade, engajamento e divergências humanas. Nesse aspecto reside a sua honestidade, na submissão à historicidade das teorias educacionais, que torna toda reflexão transitória. A historicidade também explica as permanências das ideias, a exemplo da necessidade de reflexão constante do conhecimento educacional para definição pelo professor do que vem a ser o aprender e ensinar, os conteúdos e a avaliação. Enfim, a historicidade determina que “(...) o exercício da docência responsável só é possível, hoje, com formação específica.”^{III} Assim, o autor e a obra comprovam a sua coerência, fornecendo “Didática para quem precisa de Didática”, ajudando a superar as dicotomias equivocadas entre ensino/pesquisa e saber/fazer, que tanto impedem a “formação e atuação honesta do profissional docente.”^{IV}

Cada capítulo de “Didática para Licenciaturas” é uma aula, diante da qual o leitor torna-se aluno – a quem o autor se dirige objetivamente, exigindo alguns pré-requisitos simples como: disposição para rememorar a experiência escolar, desde o ensino primário ao superior; rememorar as práticas de ensino dos ex-professores; opinar sobre os fins da educação escolar e os critérios de seleção das disciplinas na elaboração dos currículos do ensino fundamental; enfim, para vivenciar procedimentos de orientação teórica diversificada e para opinar sobre a sua aplicabilidade no cotidiano.

Itamar Freitas faz o leitor imergir na investigação do objeto e interessar-se por Didática. Instiga-o a conhecer e exercitar o conteúdo, segundo as estratégias do cognitivismo que ainda inspiram na atualidade as ações docentes, inclusive as suas próprias atitudes profissionais. Ao leitor, é oferecida uma programação constituída por tópicos, tarefas, conclusões, resumos e soluções para autoavaliação, no intuito de que prossiga, após a leitura da última página do livro, com estudos mais aprofundados. Uma série de referências úteis é indicada, incluindo autores de Didática Geral como José Carlos Libâneo, Antônia Osima

Lopes e Ilma Passos de Alencastro Veiga, Maria Rida Neto Sales Oliveira, Selma Garrido Pimenta e Magda Soares. Comentaristas dos clássicos da literatura educacional também são sugeridos: Sérgio Carlos Covello, João Luiz Gasparin, Wojciech Kulesza, Edson Pereira Lopes, Fernández Enguita, Gomercindo Ghiggi, Avelino da Rosa Oliveira, Ortega y Gasset, Lorenzo Luzuriaga, Marcelo Mauxion, Theodor Fritzsich, Norbert Hilgenheger, Howard Gardner, Robert Mager, Howard Gardner, Michael S. Gazzaniga e Todd Heatherton.

É possível perceber uma aproximação do autor às teses de Jerome Bruner neste material de ensino, quando se refere à tradução e captação da estrutura da matéria. Sem substituir o professor, tal material de ensino organiza os conteúdos em espiral, ou seja, representa as mesmas ideias de diferentes maneiras, nos limites espaciais do livro, visando que o leitor capte inteiramente as suas formulações sistemáticas. Com uma linguagem adequada ao nível de um graduando, baseada no emprego de analogias, perguntas e desafios capazes de fazê-lo avançar, o texto apresenta sucessivamente os mesmos princípios gerais – a estrutura da Didática – para que o leitor possa reter as proposições fundamentais da disciplina e depois transferi-las, ou aplicá-las de forma significativa. A obra, então, faz o leitor compreender os princípios e relações da disciplina estudada, bem como a possibilidade de transformar e criticar as novas informações, avaliando a capacidade de transferir (aplicar) as estruturas apreendidas.

Porém, sem atribuir exclusivismo à “aprendizagem por descoberta”, o autor incorpora também a teoria cognitiva da “aprendizagem verbal significativa” de David Ausubel, Joseph Novak e Helen Hanesian, conforme se observa na atividade n. 14, capítulo 8, onde se lê:

Os conteúdos conceituais e proposicionais deste curso de Didática são apresentados a você em suporte papel e constitui uma forma de material didático. Releia a última citação de Ausubel, Novak, Hanesian e tente identificar quais dessas orientações foram incorporadas por mim, durante a elaboração do capítulo n. 7.^V

Para David Ausubel, a “aprendizagem por descoberta” nem sempre é significativa, pois fatos, noções e teorias podem também ser ensinadas e aprendidas por recepção. A organização do conhecimento é relevante porque os indivíduos aprendem de modo seqüencial e hierárquico, partindo sempre de uma estrutura cognitiva pré-existente na qual as ideias sólidas constituem uma base de apoio para as novas. Isso faz com que as lições de “Didática para as Licenciaturas” pressuponham diferentes tipos de aprendizagem, inclusive a aprendizagem por competências no sentido atribuído por Phillippe Perrenoud. De fato, os saberes clássicos da educação são postos como ferramentas para o enfrentamento de certas situações propostas ao leitor, com as quais ele poderá se deparar no cotidiano da profissão docente; situações que poderão envolver a mudança de currículos, aulas e hábitos de estudos, dentre outras.

Talvez, a primeira ocorrência que o leitor deva enfrentar tenha sido colocada no livro, sabiamente, por Itamar Freitas, quando deixou ao sabor das opiniões individuais a decisão sobre a importância do curso, embora o autor tenha também se posicionado a favor do valor formativo do objeto nas diferentes especialidades, principalmente para quem exercerá a docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Coerentemente, Freitas reflete, questiona o cotidiano de forma produtiva porque provoca o leitor, principalmente, aquele desacostumado a lidar com os conteúdos e questões-chave da didática.

Notas:

^I Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe-UFS. Orientador: Prof. Dr. Dilton Maynard. Coordenadora Pedagógica do Centro de Educação Superior a Distância – UFS. E-mail: clotildesfs@gmail.com

^{II} Dados retirados da Plataforma Lattes. Acesso em 21.06.2015.

^{III} FREITAS, 2014, p. 125.

^{IV} Ibid, p. 15.

^V Ibid, p. 104.

Referências bibliográficas:

FREITAS, Itamar. **Didática para licenciaturas**. Aracaju: Criação, 2014.